

CONTRIBUIÇÕES DOS PROTOCOLOS VERBAIS PARA O RECONHECIMENTO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM UMA TURMA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Leidiana Rodrigues do Vale¹
Maria Nazareth de Lima Arrais²

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar como os protocolos verbais podem contribuir para o reconhecimento das variedades linguísticas em uma turma heterogênea do primeiro ano do Ensino Médio. Para tal abordagem, apoiamos-nos na Sociolinguística Interacionista escolar de Bortoni-Ricardo (2004, 2012). De caráter metodológico etnográfico participativo, esse estudo parte da concepção da mediação como estratégia facilitadora da aprendizagem. As observações mostram-nos que a mediação favorece um aprendizado significativo do texto, assim como a construção de sentidos. Evidencia-se, portanto, que é preciso repensar as estratégias de ensino a partir de protocolos verbais. Em suma, os Protocolos verbais como instrumento pedagógico são capazes de interferir nas práticas de ensino e representam uma mudança nas abordagens do ensino da língua.

Palavras-chave: Protocolos verbais, Mediação, Aprendizagem, Variedades linguísticas.

INTRODUÇÃO

A concepção mais atual do ensino da língua advém da visão de sujeito ativo que constrói significados na interação com outros discursos, no diálogo com o texto. Contudo, as práticas em sala de aula, muitas vezes, partem para um estudo fragmentado, sem uma compreensão significativa do texto. Esse ensino distancia os alunos dos processos reais de comunicação, assim como do domínio de competências linguísticas adequadas aos diferentes contextos comunicativos. O estudo insere-se nesse âmbito por entender a necessidade dos alunos passarem a observar os fenômenos de variação e mudança linguística e a partir dessa compreensão, enriquecer o seu repertório linguístico.

Contudo, apesar dos significativos avanços no campo da linguística e da sociolinguística, o ensino na língua segue empreendendo mecanismos tradicionais centrados no ensino de regras, negligenciando outros saberes linguísticos fundamentais às práticas comunicativas. Diante dessa problemática, o nosso estudo busca analisar como os protocolos verbais podem contribuir para uma aprendizagem significativa da língua, mais

¹ Mestranda do curso Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Leidyvalle25@hotmail.com

² Orientadora Professora Doutora da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG

especificamente, o reconhecimento das variedades linguísticas. Nesse intuito, os protocolos verbais são utilizados como estratégia metodológica para verbalização da compreensão de textos que abordam questões relacionadas à variação linguística e ao preconceito linguístico.

Os dados foram obtidos através de uma gravação durante uma aula de português em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, no município de Pedra Branca- CE. Quanto à mediação do professor, ela traz os protocolos de leituras, tomando como referência e embasamento os seguintes descritores da matriz de referência da Prova Brasil³: Localizar informações explícitas em um texto; Inferir uma informação implícita em um texto; Identificar o tema do texto e; Reconhecer a relação entre informações num texto ou em diferentes textos.

Esses descritores dão o direcionamento para a mediação do professor, logo é possível analisar o processo e perceber a compreensão dos alunos da temática abordada. Outro fator gerado por essa ação pedagógica é a renovação, gradativamente, das práticas pedagógicas de educação em língua materna, visto que essa estratégia metodológica pode ser utilizada no ensino de diferentes conteúdos.

A PESQUISA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O levantamento do universo da pesquisa corresponde a uma gravação de 20', sendo utilizado como *corpus* a transcrição de 4'35", de uma aula sobre variações linguísticas, em uma turma de primeiro ano do ensino médio. Os participantes estão inseridos no contexto da escola pública estadual, no município de Pedra Branca- CE. A turma é composta por 42 alunos, sendo bastante heterogenia no que refere-se à aquisição e desenvolvimento das competências leitoras.

Quanto à abordagem, a temática foi assim segmentada em sala de aula:

1. A turma foi dividida em cinco equipes, nas quais foram-lhes entregue dois textos para análise e discussão: “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?”, de Marcos Bagno; e uma notícia do site Terra “MEC distribui livro didático que defende erros de concordância”.
2. Após a leitura e a discussão, cada equipe recebeu uma frase para análise. O posicionamento da equipe quanto ao conteúdo da frase deveria ser estabelecido com

³ Para saber mais sobre os descritores da Matriz de referência da Prova Brasil busque: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil/matrizes-da-prova-brasil-e-do-saeb>

base na compreensão da temática dos textos lidos. As frases entregues foram as seguintes:

- Há estados brasileiros onde se falam melhor o português;
- É preciso saber gramática para falar e escrever bem;
- Português é muito difícil;
- Os brasileiros não sabem falar correto;
- A língua portuguesa está em decadência.

3. O estudo corresponde à análise e à transcrição do posicionamento das equipes com relação às duas primeiras frases: Há estados brasileiros onde se falam melhor o português; É preciso saber gramática para falar e escrever bem.

A transcrição seguiu a orientação da obra “Análise de conversação” de Luiz Antônio Marcuschi (2003), que nos orientam quais os sinais mais frequentes e úteis na transcrição. Para o autor a análise da conversação (AC) deve proceder considerando detalhes não apenas verbais, mas entonacionais, paralinguísticos e outros. Ademais, Marcuschi (2003, p.9) afirma que: “O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados.”

Para manter o sigilo dos participantes, seguimos o seguinte código:

(P): professor(a);

(A1): primeiro(a) aluno(a) a se pronunciar;

(A2): segundo(a) aluno(a) a se pronunciar e, assim, progressivamente;

(As): falas simultâneas dos alunos.

A escolha metodológica pela pesquisa etnográfica viabilizou o estudo empreendido, visto que visa compreender e descrever a abordagem com os protocolos verbais em uma turma de primeiro ano do ensino médio. Tendo como foco perceber como essa estratégia metodológica pode contribuir para o reconhecimento das variedades linguísticas, uma vez que a turma é heterogênea e a abordagem envolve muitos participantes simultaneamente, o que difere de mediações individualizadas.

A TEORIA: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO

A Leitura de textos amplia a visão de mundo do aluno, impulsiona o desenvolvimento intelectual e promove a percepção da língua em vários contextos de comunicação. Contudo, o ensino da língua nas escolas, muitas vezes, fundamenta-se, principalmente, no ensino das normas gramaticais descontextualizadas, sem uma reflexão sobre o uso efetivo dessas regras, nem como esses elementos linguísticos se concretizam na prática de comunicação. Ou ainda, o texto torna-se uma ferramenta para a transmissão de normas gramaticais, assim, evidentemente, tais atividades de leitura não implicam em algo significativo que conduz à compreensão e à (re)construção de sentidos.

No que diz respeito ao domínio da língua, os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN afirmam:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (1997, p. 21)

O desenvolvimento do conhecimento linguístico, fundamental para as práticas sociais, deve partir, primeiramente, de situações comunicativas, considerando todos os contextos: formal/ informal, oral/escrito, pois são as diferentes situações comunicativas, diferentes informações, gêneros e objetivos que proporcionam o desenvolvimento das habilidades linguísticas do falante.

Segundo Possenti (1996), o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Todavia, nessa busca em alcançar o êxito no ensino do português padrão, o ensino, muitas vezes, fracassa nas escolhas das condições e/ou no tipo de abordagem.

O trabalho com a leitura em sala de aula pressupõe estratégias didáticas consoantes com a perspectiva teórica adotada pelo professor, que deve ter consciência de suas escolhas pedagógicas para construir o conhecimento e incentivar a participação do educando. (MOURA e MARTINS, 2012, p. 104)

O professor tem a difícil tarefa de tornar o ensino da língua materna e a leitura em sala de aula uma prática significativa e, para isso, é necessário estratégias eficazes de mediação. A mediação da leitura pelo professor através dos protocolos verbais busca a aproximação entre o aluno/leitor, o texto e as conexões com o uso efetivo da língua, são, pois,

“enquadres de leitura nos quais o mediador facilita a compreensão que o aluno tem do texto.”
(Magalhães e Machado, 2012, p.45).

Esse estudo se localiza na teoria da Sociolinguística Interacional Escolar de Stella Maris Bortoni-Ricardo com o propósito de constituir novas práticas de ensino que conduzam o aluno/leitor à interação com o texto. Nas últimas décadas, os estudos da sociolinguística educacional contribuíram para mudar as práticas pedagógicas de ensino da língua, pois proporcionaram o desenvolvimento de metodologias de mediação das interações que respeitam os antecedentes socioculturais e linguísticos dos alunos. Assim, o aluno tanto tem acesso à cultura letrada quanto às variedades linguísticas estigmatizadas.

Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.38)

Nesse contexto, o professor/mediador visa desenvolver competências e habilidades fundamentais nas práticas de leitura e compreensão dos mecanismos linguísticos. É papel do professor facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários nas mais distintas tarefas linguísticas. Ou seja, o docente deve favorecer condições para o desenvolvimento pleno da linguagem. Por essa razão, o conhecimento sobre as variações linguísticas e as práticas de adequação às diferentes situações de fala e escrita deve nortear o estudo da língua materna.

É importante destacar que a defesa das contribuições da mediação se justifica pelo estudo de Vygotsky⁴ que incorporou o conceito de Zona de desenvolvimento proximal (zdp), enfatizando o aprendizado a partir de aspectos interativos e mediante a ação de um par mais experiente, no caso, o professor/mediador. Essa intervenção pedagógica decorre da visão do aluno como um ser que aprende no contato e na interação com o outro, em um processo mútuo de aprendizagem.

A ANÁLISE: OS PROTOCOLOS VERBAIS EM SALA DE AULA

Para Bortoni-Ricardo (2004), numa pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos alunos, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação das diferenças e a conscientização das diferenças. Assim, o professor/mediador deve conduzir

⁴ Lev Vygotsky (1896-1934), o teórico de estudos sobre o desenvolvimento intelectual, atribuindo um papel preponderante das relações sociais nesse processo.

o aluno à identificação das variações linguísticas, explicar o fenômeno que se apresenta e demonstrar a situação adequada ao uso de cada uma das variedades da língua. Por conseguinte, o aluno reconhece as diversas variações da língua, percebe as relações sociais dentro de sua própria comunidade, além do contexto de interação tanto na fala quanto na escrita.

Vejam os a seguir a transcrição que ilustra um contexto de interação em aula, no qual tem como temática as variações linguísticas e o preconceito linguístico. Esse momento é posterior à leitura e discussões em grupo, que tinham como base dois textos: “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?”, de Marcos Bagno (1999); e uma notícia do site Terra “MEC distribui livro didático que defende erros de concordância”.

P: qual a percepção do grupo 1 (+) sobre a frase (+) há estados brasileiros onde as pessoas falam melhor o português” os demais PRESTEM ATENÇÃO

A1: eeh a gente não concorda que tem estados que falam melhor(+ a gente acha que cada estado tem seu sotaque’ sua gíria’ tem seu modo de falar (+) depende de cada região

P: mas (+) há essa visão” na sociedade algumas pessoas têm esse pensamento”

As: exiiiiisti

A1: principalmente contra a região nordeste’ que é mais discriminada (+) já a região sul’ eles acham que falam melhor que a gente

Percebe-se, inicialmente, na fala de P, uma preocupação em manter a turma atenta à verbalização do grupo 1, daí a ênfase na fala “prestem atenção”. Quanto à colocação do(a) participante A1, verifica-se que as discussões geraram uma reflexão sobre a língua portuguesa no Brasil, suas características e sua variação. Essa análise implica na valorização de sua própria variedade linguística. Como afirma Freitas (2012, p.81): “O último estágio na constituição do sujeito leitor é aquele em que o indivíduo consegue criticar, reelaborar conceitos e trazê-los para sua realidade social, cultural e intelectual com o objetivo de crescer como leitor e cidadão”.

Nesse sentido, A1 expõe a problemática do preconceito linguístico contra os dialetos nordestinos. Essa análise implica na valorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. Contudo, nesse momento P, mediador, através de novos questionamentos, poderia ter conduzido a uma reflexão e a um aprofundamento sobre o preconceito linguístico contra os diversos falantes, levando-o a repensar a colocação: a região sul’ eles acham que falam melhor que a gente. Essa

intervenção pedagógica deve ser conduzida adequadamente para não prejudicar o processo de socialização da compreensão, nem causar constrangimento diante do grupo.

Nesse sentido Bortoni-Ricardo (2004) afirma:

Conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/ aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma ideia não se fragmente, ou um raciocínio não se interrompa. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.42)

Na transcrição seguinte, segue a verbalização, tento em referência aos textos lidos e aos mitos⁵ que envolvem a língua portuguesa:

P: qual' ou quais' os motivos para essas diferenças entre o modo de falar de cada região

As: cultura' gírias' sotaque /

P: ou seja' cada lugar tem suas singularidades' ((aumenta o tom de voz)) vamos ao próximo grupo (+) a frase (+) é preciso saber gramática para saber falar e escrever bem

A2: a gente (+) a gente debateu e chegamos à conclusão que essa frase tem duas vertentes' tipo assim' ((fala apressadamente)) se você vai fazer vestibular essas coisas' você precisa realmente escrever bem e tudo mais' mas em outras situações' não importa' se você repassou a informação' se você entendeu' é ignorância sua criticar aquela pessoa

A3: é é igual quando um técnico de enfermagem' o paciente chega no PSF e fala' mede aí minha pressão' você sabe que o termo não está adequado, mas você entende' não é por isso que você vai corrigir' é aí que ocorre o preconceito

Segundo Magalhães e Machado (2012, p. 55), andaime ou andaimagem “constitui um conceito metafórico que concerne a um auxílio visível ou audível que uma pessoa mais experiente pode dar a um aprendiz”. Nesse trecho, percebemos a estratégia de andaimagem, ou seja, a realização de perguntas para fazer os alunos pensarem mais sobre o assunto. Essa estratégia é utilizada quando P questiona sobre quais os motivos para os diferentes falares.

Na verbalização, A3 demonstra conhecimento enciclopédico, ou seja, conhecimento alusivo às suas vivências, conhecimento de mundo. A exemplificação com situações ou fatos do cotidiano favorece o entendimento do tema pelos demais educandos. A3 utiliza como exemplificação um contexto de interação de um profissional da área da saúde que deve ter o domínio da linguagem técnica, contudo também deve ser sensível ao seu interlocutor. Essa

⁵ O autor Marcos Bagno (1999), no livro Preconceito linguístico, cataloga e analisa alguns mitos que alimentam o preconceito linguístico.

colocação demonstra que A3 percebe a necessidade de adequação da fala, mesmo em ambientes mais formais, como o ambiente de trabalho.

O momento de troca no grupo criou condições para que o A3 pudesse apresentar a visão com segurança, desempenhando-se bem no contexto de atividade oral em que interagiu. Segundo Magalhães e Machado (2012, p. 53): “A valorização dos conhecimentos que nossos alunos demonstram ter a mais sobre determinado assunto é uma característica muito positiva na interação professor/aluno.”

P: então ' o que é ' falar e escrever bem”

A2: quando todos entendem

P: uma pessoa analfabeta pode falar bem”

AS: siiim

P: isso mesmo (+) portanto' isso significa que a gramática é uma fer- ra- men- ta para aprimorar a fala e a escrita' para o domínio de uma linguagem culta

De acordo com Magalhães e Machado (2012, p. 52): “Não podemos nos contentar com respostas monossílabas. Elas não conduzem à compreensão leitora”. Desse modo, P deveria que conduzindo outros questionamentos quando “AS” apresentou uma resposta monossilábica, contudo P encerrou as discussões. Nesse evento, em que os alunos estão apresentando suas percepções, o professor/mediador deve favorecer o aprofundamento da compreensão, instigando a reflexão e novos questionamentos, não apresentar conclusões prontas.

Mediação de leitura é uma ação coletiva, porque envolve mediar e aprender com a mediação. Para o aluno, é uma ação de construção da autonomia na leitura. Em termos pedagógicos, a insistência nessa atividade trará ganhos para o professor, que aprenderá a contar com o aluno para realizar a própria avaliação. (MOURA e MARTINS, 2012, p. 108)

Os protocolos verbais favorecem uma compreensão mais aprofundada do texto, cabe ao professor/mediador traçar seus objetivos e conduzir o evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre o conhecimento adquirido a partir de discussões, tendo como suporte os protocolos verbais, confere que os educandos apresentaram uma compreensão sobre a temática. Verificou-se também, a partir da análise da gravação da aula em uma turma

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

de primeiro ano do ensino médio, como a utilização dos protocolos pode contribuir para entendimento da temática e quais habilidades de compreensão sobre as variedades linguística o educando demonstra.

Mesmo diante de algumas falhas no processo, todos os sujeitos estavam envolvidos em um processo de aprendizagem e de autoavaliação. Logo, a cooperação nas equipes e a mediação favoreceu a ampliação de competências leitoras, assim como dos descritores da matriz de referência tais como: Inferir uma informação implícita em um texto e; Reconhecer a relação entre informações num texto ou em diferentes textos.

A interação é essencial ao processo de aprendizagem. Assim, a interação entre os educandos nas equipes teve um importante papel para a construção de sentido relativo às variedades linguísticas e ao preconceito linguístico. Quanto ao trabalho de Bortoni-Ricardo, ele traz uma contribuição significativa no que diz respeito à análise dos fenômenos linguísticos sem o viés do preconceito embutido nas metodologias de ensino tradicionalmente enraizados.

Em suma, os Protocolos verbais como instrumento pedagógico são capazes de interferir nas práticas de ensino e representam uma mudança nas abordagens do ensino da língua. Desse modo, a mediação do professor através dos protocolos verbais ilustrou um procedimento didático que partiu da compreensão leitora e implicou na compreensão significativa das variações linguísticas. Por conseguinte, nos processos de ensino-aprendizagem, é possível recorrer a essa mediação para formação de leitores autônomos e críticos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BAGNO Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola editorial, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala**. – São Paulo: Parábola Editora, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. **Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.) ... (et al.). **Leitura e mediação pedagógica** – São Paulo: Parábola, 2012.

MAGALHÃES, Rosineide. MACHADO, Veruska Ribeiro. Leitura e interação no enquadre de protocolos verbais. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.) ... (et al.). **Leitura e mediação pedagógica** – São Paulo: Parábola, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. - 5^a Ed.- São Paulo: Editora Ática, 2003.

MOURA, Ana Aparecida Vieira. MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.) ... (et al.). **Leitura e mediação pedagógica** – São Paulo: Parábola, 2012.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.